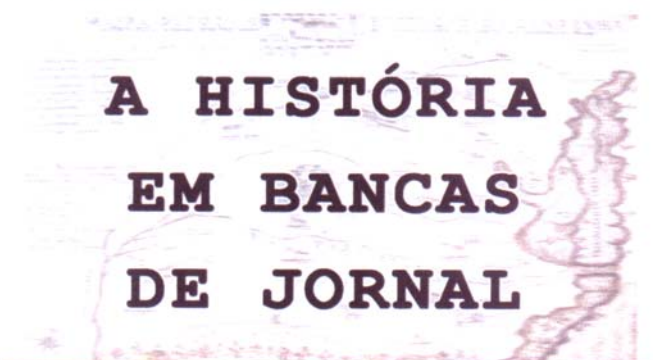




ECLÉTICA 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP



A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer
Monitora PAE - Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro
Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I
0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Raquel Glezer¹

Introdução

As experiências dos professores das disciplinas teórico-metodológicas em curso de História, bacharelato ou licenciatura, podem ser generalizadas, pois usualmente enfrentam incompreensões por parte do alunado e de colegas. Não importam as denominações: Introdução aos Estudos Históricos ou Metodologia da História; Filosofia da História; Teoria da História; História da Historiografia... Afinal, para que elas servem? O que fazem em um currículo sobrecarregado?

As outras disciplinas obrigatórias de um curso de História possuem conteúdo definido por espaços geográficos (América, Brasil, África, Ásia), ou recorte cronológico (História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea). O recorte cronológico ainda se impõe ao recorte geográfico, apesar dos questionamentos apresentados nos últimos trinta anos, a partir da obra de Chesneaux² sobre o uso ideológico da periodização. As disciplinas optativas se organizam por temas, processos explicativos, fontes ou campos historiográficos.

Diversamente, as disciplinas teórico-metodológicas deslocam-se em espaços e tempos variados, pois podem se articular por conceitos, teorias explicativas, formulações teóricas de processos históricos, análises historiográficas de autores, temas relevantes, questões significativas ou momentos marcantes... quase sempre fugindo ao recorte espacial e/ou ao cronológico.

Para os alunos, as disciplinas teórico-metodológicas se apresentam como um conjunto complexo. Têm dificuldade de reconhecer nelas o que conhecem como História, isto é, o campo de conhecimento que aprenderam a reconhecer como tal nos livros didáticos, manuais acadêmicos e livros dos historiadores. As discussões sobre o que são documentos, fatos históricos, fontes, memórias, monumentos, os questionamentos sobre os conceitos nos livros escritos pelos historiadores, ou os debates sobre os usos de cultura material, cultura imaterial, história oral, memória social, micro-história e macro-história, genealogia, memória local se apresentam como complicações do que aparenta ser simples e conhecido.

Qual a finalidade de uma disciplina como Teoria da História no processo de formação de um profissional da história? As reflexões que são propostas aos alunos têm qual finalidade? As respostas podem ser tão múltiplas como o campo: conhecer a História da História; perceber como o campo dos estudos históricos foi formado e quais as transformações que sofreu; aprender a reconhecer os conceitos e as teorias que embasam os trabalhos dos historiadores, identificar os pressupostos da seleção de temas, fatos e dos arranjos dos conteúdos. De forma sintética, reconhecer que o conteúdo da história que encontram nos livros é um produto cultural datado (linguagem, conceitos, preconceitos), da mesma maneira que os textos que produzem em seus trabalhos.

Para nós, professores nestas disciplinas, as questões teóricas devem fundamentar os trabalhos dos historiadores, quer os de pesquisa em campo, não importando o tipo de fonte explorada - arquivística, bibliográfica ou de história oral, quer os de análise historiográfica sobre as obras de historiadores, nas variadas formas que podem assumir.

¹ Profa. Titular Teoria da História e Metodologia da História/Departamento de História/FFLCH/USP; e-mail: raglezer@usp.br.

² Cf. Jean Chesneaux. *Du passé faisons table rase? : a propos de l'histoire et des historiens*. Paris: F. Maspero, 1976; trad. brasileira *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995.

Tais questões estavam em nosso horizonte de preocupação quando propusemos aos alunos matriculados na disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno, no primeiro semestre de 2005, cujo programa havia sido formulado com o objetivo de possibilitar uma visão panorâmica de algumas formas de reflexão sobre a história até o início do século XX, com aulas teóricas e leituras de textos de alguns autores clássicos, algo a mais: um trabalho empírico, levando em consideração as restrições e limitações aos alunos dos cursos noturnos: biblioteca em horário restrito; arquivos, centros de documentação e museus fechados, nos horários que os alunos poderiam dispor para alguma atividade extra classe.

Que material poderia ser utilizado, que estivesse acessível e cujas informações complementares pudessem ser localizadas por quem cumpre oito horas de trabalho diárias em cinco dias por semana? A nossa proposta foi a de explorar um material recente, visível e de fácil aquisição, que existe e se oferece nas bancas de jornal – as revistas de divulgação de história, em suas múltiplas apresentações e em seus variados níveis de formulação.

Temos a certeza que nem todas as publicações existentes foram exploradas, pois tal não era a intenção da proposta, que tinha como objetivo proporcionar aos alunos quase todas as etapas de um projeto de pesquisa, a partir da seleção de fonte e temas de interesse dos autores dos trabalhos, que foi respeitada, quer pela possibilidade de acesso³. Apesar da vasta rede de bancas de jornal existentes na área metropolitana, nem todas contém exatamente o mesmo conjunto de publicações, dependendo do local em que estão e da clientela a que atendem.

Em complementação

Depois dos trabalhos de pesquisa e redação realizados e entregues, na fase de preparação e edição digital para inserção no sítio (www.raquelglezer.pro.br), encontramos na rede algumas referências sobre o mesmo assunto, como a indicação do trabalho de Iniciação Científica na Faculdade Cásper Libero de Marcela Rosa Mastrocola, denominado “Aventuras na História: intermediários culturais, mercado editorial e cultura de consumo”⁴, em nota, sem data, acesso ao texto ou resumo. E o texto de Thathiana Murillo, datado de 05.12.2004, com o título de “*Páginas do passado: o boom das revistas de História*”, no qual a autora traça um histórico das revistas de história de divulgação em vários países e o início de tais periódicos do Brasil, a partir de 2003⁵.

Não consideramos a nossa pesquisa exaustiva e é possível que existam outros estudos sobre o mesmo tipo de material.

³ Os trabalhos, de modo previsível, concentraram-se nas revistas com maior facilidade de acesso: *Nossa História*, *História Viva*, *Aventuras da História*. Outras publicações foram também localizadas e selecionadas pelo interesse dos alunos. Ao menos uma publicação não foi explorada - a *Brasilis*, da editora Atlântica, do Rio de Janeiro, coordenada por Luis Felipe Baeta Neves. Ela era inicialmente vendida por assinatura, e só conhecemos os dois números iniciais. O sumário deles pode ser encontrado no sítio: <http://atlanticaeditora.com.br/>.

⁴ No sítio www.facasper.com.br/cip/iniciencia: “tema: Estudo sobre o fenômeno das revistas de história no contexto da hipermodernidade, com base na análise da publicação *Aventuras na História ...*”; e-mail: marcelamastrocola@gmail.com.

⁵ Thathiana Murillo. *Páginas do Passado: o boom das revistas de História*, datado de 12.05.2004, no sítio O cisco, <http://www.ocisco.net/thati10.htm>; e-mail thathanamurillo@uol.com.br.

1. Enfrentar os preconceitos

A seleção do material para ser pesquisado decorreu de sua facilidade de acesso, por um lado. Em nossos dias, a história está nas bancas de jornal, em formas variadas. Está nos jornais diários - que são uma das fontes para a história do tempo presente e para a história contemporânea; nas revistas semanais e/ou mensais de viés informativo ou analítico de variadas tendências políticas; nas coleções de obras clássicas para divulgação – como a coleção ‘Os Pensadores’ ou a coleção ‘Pensadores Brasileiros’. Seleccionamos uma materialidade específica - as revistas de temas históricos, voltadas para o público consumidor não-especializado.

A multiplicidade de periódicos e publicações de assuntos variados nas bancas de jornal é indicativo de alguns processos característicos da sociedade contemporânea pós-industrial: a ampliação do público leitor, decorrente dos processos de urbanização e alfabetização; a ampliação do acesso ao conhecimento; o atendimento pelas empresas editoras de todas as áreas de interesse do público leitor, em suas múltiplas identidades sociais⁶. Este foi o outro elemento fundamental para a escolha do objeto – a possibilidade de captar um fenômeno social ‘quente’, em sua concretização, na vivência do processo, que precisa ser analisado e compreendido. Em nossos dias, a diversificação da mídia impressa, em miríades de pequenas empresas gráficas – algumas das quais de vida curta, ao lado dos conglomerados de empresas gráficas e das de mídias, soma-se ao complexo jogo dos cruzamentos de todas as mídias – imprensa, cinema, televisão, eletrônicas, digitais...

Lembremos também que em nossos dias há associações entre empresas, para atingir determinados segmentos do público, com a criação de marcas novas, ocultando a empresa principal e dificultando o acompanhamento das questões mercadológicas.

Alunos de graduação estão acostumados com a leitura de textos selecionados por professores – capítulos de livros e/ou artigos publicados em periódicos acadêmicos, cujos padrões correspondem aos parâmetros da comunidade científica. Não há a preocupação com o perfil da publicação, pois a responsabilidade de seleção é do professor. A valoração realizada é pela especialidade do autor, respeitabilidade da revista, reconhecimento da instituição que a publica - todos elementos de identificação de comunidade científica e de reconhecimento entre pares.

As próprias revistas acadêmicas se transformaram, no decorrer do século XX, de recurso informativo e quase que exclusivamente erudito, em fontes reconhecidas para os trabalhos historiográficos, e hoje são objetos de pesquisa para análises de conteúdo, que variam conforme as orientações dos campos historiográficos.

Por outro lado, raramente o material de vanguarda do conhecimento, o da ‘literatura cinza’⁷ é utilizado, mantendo-se como exclusividade do circuito especializado e restrito dos pesquisadores.

No país, há crescente desenvolvimento do campo de pesquisa sobre a história do livro e da leitura⁸. As revistas de literatura, de educação e as semanais gerais têm recebido

⁶ Sobre as identidades sociais contemporâneas, ver Serge Moscovici. *Representações sociais*. Investigações em psicologia social. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁷ Literatura não convencional, conhecida por ‘literatura cinza’ (teses, folhetos, anais, proceedings, relatórios de pesquisas, notas técnicas, indicadores de ciência e tecnologia, preprints, publicações seriadas e trabalhos não publicados). Cf. <http://www.ige.unicamp.br/site>.

⁸ Ver: a) sitio: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/, do I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, realizado entre 8 e 11 de novembro de 2004, na Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de

atenção sistemática desde a década de setenta do século XX, vasto material que pode ser encontrado nas bibliotecas. Contudo, são escassos os estudos analíticos sobre as revistas de história no país, com exceção dos estudos sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que utilizam o seu periódico, o mais antigo do país, datado de 1838, mais como fonte sobre a instituição do que como objeto de análise⁹.

A proposta de analisar as publicações encontradas em bancas de jornal foi, por alguns alunos, questionada pelo fato de não ser este um material ‘respeitável’. A desqualificação é devida ao fato de revistas comerciais não terem a mesma estrutura formal dos periódicos acadêmicos, principalmente a revisão por pares. E que os artigos não poderiam ter conteúdo acadêmico e ser resultado de trabalho de pesquisa de historiadores. A maior crítica foi que as revistas comerciais tinham como alvo um público genérico e não-especializado. Afinal, trabalhar com ‘material de divulgação ou vulgarização’ não era um trabalho adequado aos historiadores em formação¹⁰.

No decorrer da pesquisa, mesmo os alunos mais renitentes acabaram mudando de opinião, pois conseguiram verificar que entre as revistas para o grande público existem níveis diferenciados de informação, apresentação de resultados de pesquisa, debates sobre questões de momento e um trabalho de apresentação ao público de textos escritos por historiadores. O conteúdo apresentado depende do público visado pela revista.

2. A popularização da cultura

O fenômeno do público consumidor de produto cultural oferecido em bancas de jornal no Brasil data dos anos sessenta do século XX, quando a Editora Abril¹¹ lançou edições de obras em fascículos, mas continuou mantendo-se basicamente como uma editora de histórias em quadrinhos infantis e juvenis, e, de publicações românticas destinadas a adolescentes e mulheres jovens, vendidas em bancas. Na área específica da História, a primeira foi a coleção ‘Grandes Personagens da Nossa História’ - biografias de personagens da História do Brasil, em fascículos, com textos escritos por professores de história. E depois, nos anos da ditadura militar, lançou a coleção ‘Os pensadores’-volumes encadernados de obras de autores clássicos da cultura ocidental, que muitas

Janeiro; b) sitio da Intercom: www.intercom.org.br/, especificamente para os textos resultantes de pesquisa apresentados nos eventos da área: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br>.

⁹ Ver, entre outros: Isa Adonias. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 150 anos*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1990; Virgílio Correia Filho. Como se fundou o Instituto Histórico. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, 255, 1962; Max Fleiüss. *O Instituto Histórico através de sua Revista*. Rio de Janeiro: IHGB, 1938; Lúcia Maria Paschoal Guimarães. "Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial": o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 156, 388, 1995; Manoel Luís Salgado Guimarães. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, no. 1, 1988, pp. 5-27;-----De Paris ao Rio de Janeiro: a institucionalização da escrita da História. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, volume 4, no. 1, 1989, pp. 135-144; Lília Moritz Schwarcz. "Os guardiões da nossa história oficial". Os institutos históricos e geográficos brasileiros. São Paulo: IDESP, 1989; ----- . *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Arno Wehling. As origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 338, 1983, pp. 7-16;----- .Historicisimo e concepção de História nas origens do IHGB. In: ----- (org.) *Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: idéias filosóficas, sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989, pp. 43-58.

¹⁰ Apesar dos questionamentos, uma grande parte dos alunos possuía alguns exemplares das revistas de divulgação nacionais e recorreram ao seu próprio material; outros, de forma surpreendente, possuíam exemplares de revistas editadas em outros países, o que aparece em seus trabalhos.

¹¹ No sítio da Editora Abril está a história da empresa, ver <http://www.abril.com.br/br/conhecendo/>.

vezes estavam recebendo a primeira edição no país, com tradução por professores especialistas no autor ou no assunto, quebrando o preconceito existente contra a compra de livros em bancas de jornal. A série de sucessos editoriais foi interrompida com uma coleção de história do Brasil, a ‘Saga’, que não foi completada. Embora a Editora Abril se apresente como a pioneira na edição de obras de divulgação para o grande público consumidor, apenas atualizou uma forma de divulgação que já existia, a da edição de obras clássicas ou informativas em tiragens maiores que as usuais. Antes dela, existiram outras iniciativas de divulgação e popularização da cultura no país, que ainda não foram devidamente estudadas.

A coleção ‘Tesouro da Juventude’¹², marco na vida de milhares de jovens leitores, foi difundida por vendedores em muitas das cidades do país, independente de seu tamanho e da existência de livrarias. O mesmo ocorreu com as coleções de obras de história como Cesare Cantú¹³, H. G. Wells¹⁴ e Will Durant¹⁵.

A Editora Ediouro¹⁶ tinha e ainda tem forte atuação na área da divulgação de autores clássicos, mas seus livros, em pequeno formato e em papel jornal, só podiam ser encontrados em livrarias. Além das citadas, existiram outras coleções de obras literárias destinadas a um público consumidor maior que o tradicional consumidor em livraria: a coleção ‘capa amarela’ de grande formato da Editora Globo de Porto Alegre – hoje Globo Livros¹⁷, com traduções de obras clássicas e contemporâneas, por intelectuais de renome, e, a coleção Saraiva, da editora do mesmo nome¹⁸, com volumes de pequeno formato, em papel jornal, que era vendida porta a porta para as famílias interessadas. A Editora Agir¹⁹ também teve uma coleção de clássicos em pequeno formato e em antologia, ‘Nossos Clássicos’.

A estrutura de venda porta a porta que foi desenvolvida na primeira metade do século XX continua ainda em nossos dias, com enciclopédias escolares e coleções de obras informativas em geral.

¹² Esta obra teve diversas edições, pela W. M. Jackson Editores, dos anos vinte até os anos cinquenta.

¹³ Cesare Cantú. *História universal*. Obra de tanto sucesso que recebeu várias edições, entre outras: a) Rio de Janeiro: Fluminense, 1883; b) Rio de Janeiro: Livraria João do Rio, 1931; c) São Paulo: Américas, 1946. 32 v.; d) São Paulo: Edameris, 1970, ed. resumida.

¹⁴ H. G. Wells. *História universal: da ascensão e queda do império romano até o renascimento da civilização ocidental*. São Paulo: Nacional, 1939. 3 v.

¹⁵ Will Durant. *História da civilização*. São Paulo: Ed. Nacional, 1943. 18 v. A obra teve edições em 1956 e 1967, e em outras editoras. O autor continua sendo editado no país, podendo suas obras ainda serem encontradas em livrarias. Dados sobre sua vasta produção podem ser encontrados no sítio da **Will Durant Foundation**, <http://www.willdurant.com/home.html>

¹⁶ Ver em *Wikipédia, a enciclopédia livre*, sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>.

¹⁷ Cf. <http://globolivros.globo.com/>; a Rio Gráfica Editora adquiriu em 1986 a Editora Globo. A história sintética da Editora Globo pode ser lida na *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Globo. Sobre a editora há a indicação do livro de Elisabeth Wenhausen Rochadel Torresini, *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, s.d., na Coleção Memória Editorial.

¹⁸ Ver sítio: <http://sf.editorasaraiva.com.br/port/perfil/historico>; cf. dados da empresa, em 1946 foi lançada a Coleção Saraiva, dirigida por Mário da Silva Brito e Cassiano Nunes, que incluía autores nacionais e internacionais como Machado de Assis, José de Alencar, Menotti del Picchia, Orígenes Lessa, Henry James, Edgar Allan Poe, Herman Melville, ilustrada por artistas de renome, como Aldemir Martins, Darcy Penteadado, Nico Rosso, com traduções de Otávio Mendes Cajado, Décio Pignatari, Nair Lacerda e José Geraldo Vieira. A forma de comercialização era por assinatura, feita por vendedores, com entrega do exemplar publicado mensalmente; vendeu milhares de volumes, pois editou 287 títulos, alguns dos quais com tiragem de até 50.000 exemplares.

¹⁹ Ver histórico da empresa no sítio: <http://www.editoraagir.com.br/historico>; cf. dados, foi adquirida pela Ediouro, em 2002.

Da metade para o final do século XX, as bancas de jornal se tornaram o lugar de exposição da mais ampla variedade de publicações, de todos os assuntos possíveis e imagináveis, para todos os tipos de leitores.

3. O contexto

Há uma explicação corrente para o alto preço dos livros editados no Brasil: a falta de público leitor, pois existem poucas livrarias pelo país e, portanto, poucos leitores. Contudo, as vendas de ‘best-sellers’ desmentem tais afirmações: milhares de livros são vendidos em curto espaço de tempo. Se existissem tão poucos leitores no país, como afirmam as editoras de livros para venda em livrarias, as editoras que lançam seus produtos culturais em bancas de jornal não teriam crescido e multiplicado.

O crescimento das editoras especializadas em publicações para bancas de jornal deve ser relacionado com outros dados: aumento da população, predominância da urbanização, crescimento da escolaridade, aumento da renda familiar, capilaridade dos meios de divulgação de massa pelo país e interligação entre as diversas ‘mídias’.

Dos fenômenos citados, o aumento populacional se destaca: em 1950, a população do país era de 51.949.397, e, em 2000, de 169.799.170 de habitantes²⁰. No mesmo período, a população urbana passou de crescente a dominante, decorrência de fatos distanciados no tempo, mas que explicam alguns aspectos do fenômeno: em 1938, todas as sedes de município passaram a ter o título de cidade, não importando a população; nos anos cinquenta a industrialização por substituição de importações e de bens de capital deslocou uma grande parcela da população de áreas rurais para algumas áreas urbanas; e, em 1988, a Constituição passou a permitir maior facilidade para a divisão de municípios e ampliou os repasses do governo federal para os entes municipais, o que possibilitou a expansão numérica deles. Em cada município, mesmo que não exista biblioteca pública ou livraria, obrigatoriamente deve existir escola fundamental básica, e, pode existir uma banca de jornal, mesmo que seja a única na estação rodoviária.

O processo de modernização econômica do país a partir de meados do século XX possibilitou a melhoria da infra-estrutura em transportes e comunicação; a ampliação do processo de escolarização com o objetivo da universalização do ensino fundamental e posteriormente do ensino médio; o emprego em setores que previamente não existiam; o crescimento da massa salarial; o crescimento do mercado educacional para atender a demanda de mão-de-obra mais especializada; o desenvolvimento de redes de comunicação via mídia eletrônica pelo país, que criaram um mercado nacional para determinados produtos, inclusive para os da indústria cultural.

A existência de milhares de aparelhos de televisão pelo país substituiu em grande parte a imprensa escrita como fonte de informação, por um lado, e, por outro, criou um outro mercado produtor e consumidor com a possibilidade de inter cruzamento de mídias. Os produtos culturais da televisão promovem a venda de publicações escritas – sobre ela mesma, os programas, os participantes de suas produções (autores, diretores, atores e outros especialistas). Também algumas produções televisivas, como telenovelas e minisséries promovem publicações escritas – os livros originais, as adaptações, e depois os vídeos, os cds e os DVDs. O lançamento de filmes, nacionais ou estrangeiros, com chamadas em televisão, e com eventual apresentação posterior em horários especiais, também alavanca publicações destinadas ao grande público, informando sobre a obra, roteiro, diretor, atores e outros especialistas. Os temas épicos ou históricos, quando explorados pelas mídias cinematográficas e televisivas, envolvem altos custos de

²⁰ Conforme dados do IBGE, no sítio: www.ibge.gov.br/, em Síntese dos censos demográficos.

produção, que são parcialmente recuperados ou ampliados pelos produtos em paralelo: publicações impressas, vídeos, cds e DVDs, além de outros produtos destinados ao público infantil e/ou juvenil, da mesma forma que os filmes de entretenimento.

Se há momentos em que a sociedade ocidental parece esquecer da existência da história, apesar de estar imersa nela, em outros há preocupação com ela. Geralmente, em datas comemorativas de fatos históricos relevantes há a ressurgência do interesse pela história, quer como processo, quer como narrativa. Em determinados momentos, a sociedade como um todo se sente atraída por fatos históricos – em livros com temas históricos, biográficos ou pseudo-históricos; em filmes biográficos, épicos, históricos ou míticos; em docu-dramas históricos ou documentários sobre fatos históricos, reconstituídos com material de época. Não é possível identificar claramente se tal interesse é uma válvula de escape – fuga/refúgio para um tempo mítico de paz e segurança, ou, genuíno, para compreender a sociedade e o momento em que vive. Em nossos dias, no início do século XXI, há retomada da curiosidade por fatos históricos, que aparece tanto nas produções impressas, como nas cinematográficas e nas televisivas. Os motivos que provocam tal interesse podem ser variados: insegurança diante das transformações em curso; dificuldades de compreender a fase histórica em que vive; medo diante do desconhecido; necessidade de reafirmar o conhecido diante de outras propostas de organização social e tantas outras questões possíveis de serem arroladas.

Quanto as motivações que levaram ao lançamento das revistas de divulgação de história no país, Thatiana Murillo utiliza a referência das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento como o motivo para o lançamento de tais publicações²¹. A nosso ver, tal explicação não se aplica totalmente – teria pleno sentido se estas tivessem começado a ocorrer no mesmo ano ou no seqüente, o que não ocorreu, pois datam de 2003 em diante. As explicações podem ser procuradas tanto no contexto nacional – a consolidação do processo de urbanização, universalização da educação básica e suas conseqüentes transformações, como no maior acesso a informações internacionais, na divulgação em tempo real pela televisão dos fatos de setembro de 2001, na retomada do ciclo de guerras simultâneas, na sensação de ameaça diante do desconhecido que pode estar se aproximando – elementos que podem ter contribuído para que se concretizasse no país algo de novo, as revistas de divulgação de história. Devemos lembrar que tal tipo de publicação existe em outros países há muitos anos, desde o começo do século XX, mantendo continuidade e possibilitando a divulgação do conhecimento historiográfico a um grande número de pessoas, o que pode ter permitido o crescimento do mercado editorial dos livros especializados em história e das grandes coleções do final do século XX²².

²¹ Ver nota 3.

²² Além da venda de milhares de exemplares de algumas obras de história como *Le Dimanche de Bouvines: 27 juillet 1214*, de Georges Duby. Paris: Gallimard, 1986, e, *Montaillo, village occitan de 1294 a 1324*, de Emmanuel Le Roy Ladurie. Paris : Gallimard, 1975, pensamos nas coleções como História das Mulheres e História da Vida Privada, que foram sucesso editorial destacado, foram traduzidas no Brasil e inspiraram coleções similares nacionais.

4. Cultura de massa

È muito interessante para o historiador verificar como a conceituação de ‘cultura de massa’ tem sido vista pela sociedade, principalmente em uma proposta como a que fizemos, de explorar uma fonte da cultura de massa impressa, destinada a um público leitor não especializado.

A conceituação da existência de uma ‘cultura de massa’ ou ‘cultura popular’ se opõe a de uma ‘cultura erudita’, mais valorizada porque de ‘melhor qualidade’, mais restrita e limitada aos que a ela têm acesso, por poder aquisitivo e domínio cultural.

A ‘cultura erudita’ é resultante da decantação da produção cultural da sociedade ocidental cristã e é o cânone dos valores culturais - a ‘alta cultura’ é o conhecimento e apreciação dos clássicos na literatura, música, balé, teatro, pintura e escultura, em oposição a uma outra cultura, considerada inferior por não ter o mesmo conteúdo e relevância, produzida e vivenciada no cotidiano pelas pessoas comuns, ‘a cultura popular’, que é muitas vezes confundida com ‘folclore’, em uma concepção conservadora e nacionalista estreita.

Tomada em senso estrito, a concepção canônica de cultura faz com que toda a produção cultural do mundo moderno industrial do século XIX e do pós-industrial do século XX, todos os questionamentos, críticas, leituras e releituras da sociedade contemporânea fiquem fora dos parâmetros estabelecidos.

Mas a produção cultural possui a sua própria dinâmica, riqueza e complexidade, e é indicativa da reflexão e crítica do mundo no qual o indivíduo produtor/consumidor está inserido e vive. Para os artistas contemporâneos, o cânone não é um obstáculo. Na realidade diária da sociedade pós-industrial, todas as artes se libertaram do cânone. A multiplicidade das formas de expressão literária e artística é quase impossível de ser totalmente conhecida em nossos dias. O rádio, o cinema e a televisão se inscreveram no campo da produção e da reprodução cultural, da mesma forma que a imprensa. E o mundo da produção digital está seguindo a mesma trajetória, de modo mais acelerado.

Contudo, a resistência às novas formas de arte e conhecimento ainda é grande. No campo dos estudos humanísticos, o domínio do cânone se manteve por mais tempo. E só no último quartel do século XX ele passou a ser questionado por grupos feministas, étnicos, de culturas minoritárias e pelos pesquisadores pós-modernos, que exigem que a noção de cultura seja mais inclusiva e menos restritiva.

A valorização da oposição entre a ‘cultura erudita’ e a ‘cultura popular’ pode ser entendida como uma atitude socialmente conservadora, a partir da Revolução Francesa, em que o conceito de ‘povo’ para os conservadores e contra-revolucionários era o de uma ‘ameaça’ a seu modo de vida. A preservação dos valores da sociedade estamental encontrou na valorização do cânone apoio e a justificativa de uma concepção de sociedade, a partir de meados do século XIX, quando ‘povo’ e ‘massa’ se tornaram quase que sinônimos de ameaça social.

Nos movimentos revolucionários políticos e sociais dos séculos XIX e XX, uma das propostas mais atraente é a da democratização de acesso de todas as pessoas a todos os bens, políticos e econômicos, a partir da alfabetização universal, e, principalmente aos bens culturais.

A idéia de separação rígida entre a chamada ‘alta cultura’ e a ‘cultura popular’ foi questionada por Bahktin²³ ainda na primeira metade do século XX, e, o tema da circularidade das idéias entre grupos sociais, no final do século XX, encontrou apoio em historiadores da história cultural, como Roger Chartier e C. Guinzburg, entre outros, e, principalmente nos autores pós-modernos.

Os resultados

Os resultados obtidos foram surpreendentes, para nós e para os alunos. Para nós, pela localização de inúmeras publicações destinadas a suprir a curiosidade do público sobre temas históricos – em níveis de informação diferenciados, desde as mais elementares até as que apresentam resultados de pesquisas acadêmicas, em linguagem acessível ao não-especialista. Nosso ponto de partida para a proposta do trabalho havia sido o conhecimento das revistas *Nossa História* e *História Viva*. Os alunos conheciam algumas outras e localizaram outras tantas, que não eram tão conhecidas, e que aparecem nos textos que seguem. E também pela capacidade demonstrada pelos alunos de pesquisar informações, mesmo as que exigiram contato direto com as editoras e com os editores; analisar conteúdos sob aspectos variados, demonstrando que o processo de formação fragmentada, proposto pelo Departamento de História, apesar da dificuldade de explicitação, está proporcionando ao corpo discente uma formação adequada ao mundo contemporâneo.

Para os alunos, podemos comentar de um lado que com a aprendizagem da prática de pesquisa - seleção de tema, seleção de fontes, coleta de dados, análise de conteúdo, contextualização e redação de um texto sobre a pesquisa e os resultados obtidos, houve a possibilidade de aprender como usar material diferenciado do tradicional (textos de livros e excertos de documentos), experiência que pode ser transmitida a práticas de ensino de história em outros níveis. Por outro lado, esperamos que os mais renitentes tenham aprendido a aceitar a produção cultural da sociedade em que vivem. Consideramos que se há experiência e vivência da postura crítica em relação à formação socioeconômica e cultural em que estão inseridos, a manutenção de preconceitos sobre a ‘cultura de massa’ e a exigência do cânone cultural são elementos contraditórios que precisam ser enfrentados. E o que a nosso ver foi o mais importante: tiveram eles a experiência da apreensão ‘a quente’ de dois conceitos teóricos que marcam a sociedade atual – a da circularidade das idéias na cultura, e, a da fragmentação das identidades sociais. Lembramos ainda que nas análises de conteúdo foram localizadas algumas das teorias de história, que haviam sido apresentadas e discutidas no transcurso das aulas teóricas e das leituras, demonstrando na prática a longa vigência de idéias na cultura e na sociedade.

Os textos que seguem a esta apresentação são todos os trabalhos de curso da disciplina, resultantes das pesquisas e análises dos alunos. Alguns são trabalhos individuais, outros coletivos. Cada um deles representa a trajetória de pesquisa que foi percorrida, os interesses, curiosidades e idiosincrasias dos autores. Não foi realizada a normalização

²³ BAHKTIN, M.. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC; Brasília:UnB, 1987.

dos textos e nem estão apresentados os comentários da avaliação. A finalidade da publicação é reconhecer os esforços empregados na pesquisa, o empenho e interesse demonstrado, além de colaborar com outras pessoas que tenham alguma curiosidade sobre o material de divulgação de história impresso disponível em bancas de jornal.

Agradeço a Silene Ferreira Claro, doutoranda no Programa de História Social/FFLCH/USP, linha de pesquisa História da Cultura, monitora da classe no PAE/FFLCH/USP primeira fase, o apoio, as sugestões e a relação estabelecida com a classe, que muito contribuíram para o bom desenvolvimento do curso e das atividades. E a todos os alunos que cursaram a disciplina e que no decorrer do semestre selecionaram o material com que pretendiam trabalhar, defenderam suas escolhas, descreveram as dificuldades encontradas, apresentaram as soluções e os resultados obtidos. Eles se encontraram com o que os pesquisadores em história costumam enfrentar: problemas de acesso a fontes e as informações, impossibilidade de usar o material inicialmente previsto, desconforto com os resultados obtidos, questões que não puderam ser respondidas, e tudo o mais que acontece depois do trabalho escrito e entregue.

Espero que a experiência tenha sido tão proveitosa para eles como foi para nós e que a noção de que estamos imersos na história – mesmo explorando um tema restrito e aparentemente limitado, tenha se tornado mais clara e compreensível. E que a função da disciplina Teoria da História no processo de formação tenha adquirido sentido.
São Paulo, segundo semestre de 2005.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

FACULDADE
DE
FILOSOFIA,
LETRAS
E
CIÊNCIAS
HUMANAS

ANÁLISE:
REVISTA



Disciplina : Teoria da História I
Prof^a : Raquel Glezer
Alunas : Andréa Santos da Silva
N^o USP : 4931660 (História)
: Marta Rocha Santos
N^o USP : 3174261 (Ciências Sociais)
PERÍODO : Noturno
DATA : 01/07/2005

A partir da proposta deste trabalho, analisamos a revista Aventuras na História, da Editora Abril, e duas reportagens sobre líderes políticos polêmicos que foram objeto de matéria de capa da revista – Getulio Vargas e Hitler, tendo como objetivo definir a relevância da publicação.

A seguir apresentaremos um breve histórico da publicação.

A Aventuras na História surgiu como uma publicação especial de uma outra revista da Editora Abril, a Superinteressante, para depois, devido sua boa aceitação, tornar-se uma publicação independente.

A Superinteressante foi lançada em 1987, como uma versão brasileira da revista espanhola “Muy Interesante”. A proposta era publicar basicamente reportagens traduzidas da versão espanhola, mas logo passou a produzir suas próprias reportagens. No início a linha editorial ainda não estava totalmente definida, e oscilava entre o inusitado e o cientificismo, com destaque para as ciências exatas. Com a troca de editor, em 1994, a revista aboliu os termos técnicos e adotou uma linguagem mais coloquial. Para tornar a revista mais didática, adotou-se o conceito de transformar a imagem em informação, utilizando um recurso que deu a publicação vários prêmios internacionais – a infografia, que se tornou uma espécie de marca registrada da revista. Um novo editor (André Singer) assumiria em 1998, mantendo a linha estabelecida e estabelecendo uma mudança nas pautas: sendo contra a exploração do misticismo e das pseudociências, estabeleceu para a revista seu conceito de ciência que girava em torno das descobertas acadêmicas e tecnológicas. Singer administrou a publicação até 2000, quando assumiu Adriano Silva. Sua administração foi marcada pelo predomínio da religião, das pseudociências e da cultura pop - temas que provaram sua eficácia mercadológica, mas que levantam suspeitas quanto à cientificidade e imparcialidade com que foram abordados. Pertencem a sua gestão as capas mais vendidas, as premiações mais significativas e a expansão da marca, dando início a “Família Super” – Mundo Estranho, Revista das Religiões, Sapiens, Mundo Animal, Flasback, Vida Simples e Aventuras na História. Hoje é a quarta revista mais lida no país, com uma tiragem mensal que ultrapassa os 400.000 exemplares.

A Aventuras na História foi lançada em julho de 2003 como publicação especial da Superinteressante. Nasceu da constatação de que as matérias com abordagem histórica publicadas na Super faziam sucesso – três delas estão entre as dez capas mais vendidas em dezesseis anos da revista. Devido à boa aceitação, tornou-se mensal em novembro do mesmo ano – até ali não havia periodicidade determinada, nem a certeza da continuidade da revista, o que só ocorreu em abril de 2004, quando deixou de ser considerada “edição especial”. Hoje a Aventuras na História é a revista mais vendida sobre o assunto, dentre várias lançadas no mesmo período – Nossa História, História Viva, etc.

Corpo Editorial: A revista mantém praticamente o mesmo corpo editorial desde o seu lançamento, a maior parte saído da Superinteressante e de outras revistas da “família”. Não há historiadores na equipe, e a maioria das matérias é redigida por jornalistas. Eventualmente historiadores, antropólogos, sociólogos, médicos, etc, são convidados a escreverem para a revista.

Projeto Gráfico: Assim como a Superinteressante, ou ainda mais, o forte da revista são as imagens e os infográficos, algumas vezes mais importante que os textos. Utiliza poucas fotografias, pautando-se principalmente em desenhos, ilustrações, montagens e nos já citados infográficos. Todas as imagens publicadas na revista têm crédito.

Textos: Os textos das matérias são claros e ágeis; utilizam uma linguagem coloquial, algumas vezes exagerando no uso de gírias. A revista não tem por regra aprofundar-se no assunto, tendo por prioridade apenas manter-se interessante e instigante, muitas vezes mostrando o lado “divertido” da história. Quem espera encontrar reportagens profundas e informações relevantes vai se decepcionar, mas para a maioria dos leitores a abordagem superficial dos assuntos parece ser suficiente.

Reportagens: A revista mescla reportagens históricas com matérias meramente especulativas; as matérias históricas abordam fatos da vida de personagens famosos e muitas vezes polêmicos ou misteriosos, como Gêngis Khan, capa da primeira edição, Nostradamus, Alexandre o Grande, Julio César, Atila, Nefertiti, Stálin, Jesus Cristo ou Hitler; ou sobre grandes acontecimentos históricos, como O último dia de Pompéia ou A vitória do cristianismo. Além disso, aborda assuntos que para a maioria dos historiadores seriam

bobagens, mas atraem o público em geral, mais interessado em se entreter e divertir do que em pensar: As cartas eróticas de D. Pedro I, Um dia (e uma noite) em um harém, Um dia com Maria Antonieta, A morte da última gueixa, enfim, assuntos que despertam a curiosidade dos leitores em geral, mas que não tem nenhuma relevância histórica. Há também as matérias meramente especulativas, como a coluna “e se...”, publicada nos primeiros números (“herdada” da Superinteressante) e que analisa uma hipótese histórica que não ocorreu (e se o Brasil tivesse se aliado a Alemanha na primeira guerra, por exemplo) e as páginas amareladas, inspirada nas páginas amarelas da Veja, em que um repórter “entrevista” um personagem histórico nos dias de hoje (já foram “entrevistados” Lampião e Nelson Rodrigues, por exemplo). Os únicos brasileiros que foram capas da Aventuras na História foram Ayrton Senna e Getúlio Vargas, sendo que a edição de Senna foi a menos vendida do ano. Personagem de existência altamente duvidosa também tem vez na revista, como o Rei Artur, que já foi até capa.

Fontes: No final de cada matéria há uma seção intitulada “saiba mais”, com indicação de livros e sites, porém não fica claro se essas indicações foram usadas como fontes para as matérias. Tentamos obter informações sobre isso através de e-mail, mas não tivemos resposta. De qualquer forma pudemos observar que nem sempre as fontes citadas durante as matérias aparecem no “saiba mais”, enquanto outras que ali estão não recebem nenhuma citação; assim, supomos que a revista não dá muita importância ao crédito das fontes utilizadas. A dúvida que persiste é sobre a qualidade dessas fontes.

Seções: Desde seu lançamento a revista passa por mudanças constantes em suas seções, sempre mantendo as mesmas 66 páginas. Todo mês traz alguma alteração seja a exclusão de alguma seção ou a inclusão de outra, o que demonstra que o projeto ainda não está totalmente acabado. O índice divide a revista em duas partes; reportagens (chamada de pergaminhos) e seções (alfarrábios). Entre as reportagens, do primeiro número só restam as seções “Terra Brasilis”, sobre história do Brasil, e “Grandes Momentos”, com grandes acontecimentos históricos, apesar das outras seções não terem mudado muito – saíram “Enigmas”, “Civilizações”, “Personagens” e “História da Ciência” e entraram “Foto-História”, “Anais da Ciência” e “Obra-Prima”. Algumas seções como “Galeria”, sobre história da arte, são publicadas esporadicamente. As seções propriamente ditas, ou alfarrábios, como a revista as chama, são divididas em várias colunas. A seção “Máquina do Tempo” trás colunas como

“Notas Arqueológicas”, “O mês na história”, “Museus no Mundo”, “Dito e Feito”, “História Maluca”, “Como fazíamos sem...” e “Dúvida cruel”. A seção “Tomos e Telas” trás colunas com dicas de livros, filmes, jogos, sites, exposições, etc. A seção “Sátira” (quadrinhos do cartunista Laerte) substituiu a “Papiro”, única escrita quase que exclusivamente por historiadores convidados desde a primeira edição e que deixou de ser publicada em abril de 2005. Escreveram para essa seção Décio Freitas, Mary Del Priore, Alberto da Costa e Silva, Paulo de Medeiros, Orivaldo Leme Biagi, Rafael Sêga, Pedro Paulo Funari, Renato Pinto Venâncio (todos historiadores), entre outros.

A revista: é inegável a qualidade gráfica da Aventuras na História. A revista é impressa em papel couché 118 g e 81 g, superior a maioria das revistas da própria editora Abril, inclusive a Superinteressante; As capas chamam a atenção pelas cores e projeto bem trabalhado, e as imagens no interior da revista são disposta de maneira a explicar e complementar as reportagens. Em 2004 a revista ganhou um dos mais importantes prêmios de jornalismo do país, o Prêmio Esso, na categoria criação gráfica.

Site: A revista mantém um site com a edição do mês, o “hoje na história” com os acontecimentos históricos de cada dia, a “biblioteca”, com dicas e sorteios de livros, “equivocos históricos”, com a correção de erros publicados na revista, enquetes e links para assinar a revista e adquirir outros produtos da Editora Abril; uma apresentação dos maiores museus do mundo, além de várias outras seções. Traz também uma ferramenta de busca do conteúdo de todas as edições, exclusivo para os assinantes. O site é ágil e de fácil navegação.

POR QUE GETULIO SE MATOU?

Publicada na edição 12 de agosto de 2004

Texto LIRA NETO - Escritor e jornalista, estudou Filosofia, Letras e Comunicação Social. É autor de *Castello: a marcha para a ditadura*; *O Poder e a Peste* e *A Herança de Sísifo*. Ex-professor da Universidade Federal do Ceará (UFC) e das Faculdades do Nordeste (Fanor), foi chefe de redação e ombudsman do jornal *O Povo*, em Fortaleza, e secretário de imprensa do Governo do Ceará

Design: DÉBORA BIANCHI

Essa reportagem foi publicada por ocasião do 50 anos do suicídio de Getulio Vargas. Na ocasião a maioria das revistas de história teve Getulio como matéria de capa, com reportagens sobre seu governo, e a *Aventuras na História* optou por abordar o final da vida do presidente, a situação do país naqueles dias e a polêmica em torno de seu suicídio. A capa trás os dizeres: *“As últimas horas de Getulio – Isolamento político, conspiração, ameaças. O que levou o homem mais amado do país ao suicídio há exatos 50 anos?”*. A primeira vista, a reportagem parece trazer a resposta para essa pergunta; porém não faz muito mais do que narrar fatos conhecidos dos 20 dias que antecederam o suicídio, com uma boa dose de hipóteses e especulação. Para escrever a matéria o jornalista Lira Neto ouviu o historiador Marco Antonio Villa, autor de *Jango, um Perfil*, e que atualmente trabalha na biografia de Vargas, e com o também historiados Jaime Pinsk, professor da Unicamp; porém a reportagem não acrescenta nada de novo ao que todo mundo já sabe. Além do texto, há um gráfico que acompanha dia a dia os acontecimentos, intitulado *“Agosto de 1954 – Os 20 dias que mudaram o Brasil”* e recheado de fotos da época, cedidas principalmente pelo arquivo da revista *Manchete*, *O Globo*, *Ag. Estado* e *CPDOC/PGV*, além de material do banco de dados da Editora Abril; um infográfico com as últimas horas do presidente; e uma coluna intitulada *“As muitas faces de Getúlio”*, sobre a construção da imagem de Vargas, ilustrada com uma montagem de fotos, folhetos e panfletos de época de seu governo.

O projeto gráfico dessa matéria ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo de 2004, na categoria Criação Gráfica. Esse prêmio existe desde 1955 e é um dos mais importantes do jornalismo brasileiro.

OS AMORES DE HITLER

Publicada na edição 21 de maio de 2005

Por CELSO MIRANDA – Jornalista e editor da revista

Reportagem REINALDO JOSÉ LOPES - Jornalista de ciência da Folha de São Paulo e colaborador das revistas Superinteressante, Aventuras na História, Ciência Hoje e Pesquisa Fapesp. Foi editor assistente da revista Scientific American Brasil.

Design DÉBORA BIANCHI

Em meio a inúmeras reportagens e publicações especiais sobre a Segunda Guerra mundial, por ocasião dos 60 anos de seu final, a Aventuras na História publicou uma reportagem sobre Adolf Hitler, se propondo, pelo menos na capa, a responder a pergunta: se hoje ele é o símbolo do mal absoluto, por que foi tão amado? A matéria se propõe a mostrar que, para chegar aonde chegou, Hitler precisou do apoio de todo o povo alemão, e não só o teve, como também foi amado, respeitado e admirado não só pelos alemães, mas também por muitos estrangeiros. A revista parte do argumento de um filme alemão sobre as últimas horas da vida de Hitler, em cartaz na ocasião do lançamento da revista: “A Queda”. Ao invés do monstro assassino, da representação absoluta de todo o mal existente, como Hitler geralmente é mostrado, o filme mostra um homem doente, frágil e envelhecido, com delírios e acessos de fúria ocasionais, mas também capaz de gestos de delicadeza para com as pessoas mais próximas e com seu cachorro – enfim, uma pessoa humana e comum – e por isso mesmo foi duramente criticado, especialmente pela imprensa alemã. Além da polemica sobre o filme, a matéria trás uma pequena biografia de Hitler, desde sua infância na Áustria, passando pela frustração de ser recusado pela Academia de Artes de Viena na adolescência, o alistamento no exército alemão, sua passagem pela primeira guerra, sua entrada para a política e sua rápida ascensão ao poder. O texto mostra que a admiração da Alemanha a Hitler crescia na medida em que crescia também a crise iniciada após o final da primeira guerra; Ele falava o que o povo queria ouvir, e suas promessas iam de encontro aos anseios da elite alemã, que não tardou a apoiá-lo. A matéria também afirma que Hitler tinha muitos admiradores fora da Alemanha – na Itália, Espanha, Portugal, América Latina, África e Oriente Médio – porém cita nominalmente somente Getulio Vargas. Lembra também que em vários países do mundo surgiram movimentos antifascistas, em resposta a seu avanço. Uma das afirmações mais polemicas que a revista aborda é a de que a maioria do povo apoio Hitler, já que hoje em dia

é comum a Alemanha negar esse apoio em massa. A matéria termina do mesmo modo que o filme: narrando os últimos acontecimentos da vida do fhrer, até sua morte.

Essa reportagem nada mais  do que uma breve e superficial biografia de Hitler, porém com uma abordagem mais polmica e corajosa do que comumente vemos na maioria dos jornais e revistas – a de que ele não agiu sozinho, e não teria chegado aonde chegou se não fosse o apoio da maioria dos Alemães, em maior ou menor grau, e até mesmo de muitos líderes estrangeiros, que se não o apoiaram diretamente, também não o detiveram. A matéria contm trs boxes com abordagens sobre o tema. O primeiro, “A pátria que o pariu”, escrito por Rodrigo Cavalcante, d um painel geral da crise que tomou conta da Alemanha entre 1919 e 1933 e teria aberto as portas para o ideário nazista; O segundo, “Show em Nuremberg”, não creditado, conta como foi o julgamento dos criminosos nazistas naquela cidade. Segundo o texto, o julgamento foi armado pelos vencedores da guerra para mostrar ao mundo a punição aos culpados pelos crimes bárbaros cometidos pela Alemanha e seus aliados, sem, no entanto acabar com a Alemanha. O julgamento teria ajudado a construir a imagem de que a nação alemã, inocente, tinha sido arrastada para a guerra pelos demnios nazistas. Por isso a escolha dos acusados em Nuremberg teria levado em conta dois quesitos: a fama e os altos cargos ocupados. As fortes imagens da guerra, principalmente de judeus nos campos de concentração, foram usadas para realçar a indignação internacional contra os réus. Assim, os vencedores absolviam a nação alemã e a si mesmos. Não deixa de ser uma visão interessante, principalmente se tratando daquele que é considerado por muitos como “o julgamento mais importante da história”; o último Box da reportagem, intitulado “post-scriptum” – “Nazistas são os outros”, foi escrito por Harald Welser, professor de psicologia social do Instituto de Ciências Culturais da Universidade de Essen, Alemanha, e aborda o problema da negação do nazismo por parte das atuais gerações alemãs – a maioria nega que seus avs colaboraram com o nazismo; pelo contrário, segundo eles a grande maioria não só lutou contra sua ascensão como também ajudou os judeus perseguidos. Segundo o autor, para esses alemães, nazistas eram sempre os outros, e isso não só prejudica como Poe em risco a memória cultural alemã.

Esse texto foi escrito por um jornalista especializado em ciência, conforme denuncia seu currículo; foi montado a partir de textos de vários jornais e livros, citados na matéria: cita o Bild e o Die Zeit, periódicos alemães, um artigo do historiador alemão Wilfried Nippel, da Universidade Humboldt, para o jornal Der Tagesspiegel e o jornal americano The New York Times para falar do filme A Queda; o historiador britânico Ian Kershaw, da Universidade de

Sheffiels e autor do livro “Hitler – Um perfil do poder” e “Hitler 1936-1945: Nêmesis” e o historiador americano John Lukacs e seu livro “O Hitler da História” ao falar da infância e da juventude de Hitler; e durante boa parte do texto cita “A era dos Extremos”, de Eric Hobsbaw, livro em que parece ter se apoiado. Ou seja, a reportagem não é muito mais do que uma montagem sobre vários textos que abordam o assunto, feita de maneira a “acomodar” a opinião do autor.

Diferentemente da maioria das matérias da revista Aventuras na História, esta sobre Hitler não traz infográficos, mas é totalmente ilustrada com fotos que contam a história do personagem e dão a dimensão de quanto ele era cultuado na Alemanha e fora dela; há uma foto de Hitler bebê, como soldado do exército alemão em 1913, na prisão em 1924, um multidão o saudando em Berlim em 1933, fotos de suas aparições públicas e no parlamento, das enormes tropas alemãs lhe prestando reverência e sendo comandadas por ele, no final da guerra e da vida, já com o Mal de Parkinson e de uma de suas últimas refeições ao lado de Eva Braun. Além disso há uma ilustração de seu livro, “Mein Kampf” e uma reprodução da revista americana Time, da qual foi capa seis vezes e por que foi eleito o “homem do ano” em 1939. Essas fotos, da maneira que estão distribuídas, reproduzem exatamente tudo o que diz o texto.

Apesar de todas as referências feitas durante o texto, a coluna “saiba mais”, no final da matéria, cita apenas três livros: O Hitler na História, de John Lukacs, Hitler – Um perfil do poder, de Ian Kershaw e Para entender Hitler, de Ron Rosenbaum. Apenas os dois primeiros são citados durante a matéria. Isso leva ao entendimento de que essa coluna não representa a bibliografia utilizada na reportagem, ou seja, a revista e os autores não dão muita importância a citação das fontes utilizadas.

Conclusão:

Enquanto publicação sobre história, a revista Aventuras na História deixa muito a desejar: a maioria dos temas abordados é irrelevante, a abordagem é superficial, a linguagem utilizada é por demais informal, as matérias são escritas, em sua grande maioria, por leigos no assunto, a revista não demonstra a menor preocupação com as fontes utilizadas. Porém a revista não se propõe a ser uma revista de divulgação científica, nem é dirigida a historiadores. A Aventuras na História é dirigida a um público que gosta de história, tem curiosidade sobre temas ligados a história, mas nunca ambicionou ser um historiador; pelo contrário, a impressão que temos ao analisar a revista e o público que a lê é a de que parte dos leitores buscam apenas um passatempo, uma distração que lhe dê assunto para conversas em rodas de amigos. Mesmo assim a revista não deixa de ter seus méritos: por seu visual atraente e por sua abordagem muitas vezes criativa e divertida da história, apesar de superficial, acaba sendo lida por pessoas que sequer se interessavam pelo assunto. Também é bastante procurada por pais que esperam que os filhos cultuem uma leitura saudável ao mesmo tempo em que aprendem algo.

Quanto às matérias analisadas, elas dão a ideia do tipo de trabalho realizado pela revista. Escolhemos duas matérias sobre líderes polêmicos, contemporâneos, que foram publicadas com nove meses de diferença. Getúlio Vargas chega a ser citado na matéria sobre Hitler, porém a abordagem desta não dá espaço ao desenvolvimento da polêmica questão de simpatia que Vargas supostamente nutria pelo nazismo. A matéria de capa geralmente está, na medida do possível, relacionada a algum acontecimento – os cinquenta anos da morte de Getúlio Vargas, os sessenta anos do final da segunda guerra e da morte de Hitler, por exemplo – o que ajuda a atrair os leitores. As chamadas da capa trazem questões que nem sempre são respondidas pelas reportagens – “o que levou o homem mais amado do país ao suicídio”, “por que Hitler era tão amado?”. As matérias são escritas por jornalistas, geralmente sem nenhuma bagagem na área de história.

A revista mantém uma comunidade no popular site de relacionamento Orkut, com cerca de 680 participantes (em maio). Através das mensagens lá postadas podemos ter uma ideia do tipo de pessoa que lê a revista e da opinião geral sobre ela: muitos reconhecem que a abordagem dos temas é superficial; a maioria dos participantes que opinou desaprova a seção “páginas amareladas”, devido a seu caráter fictício; muitos professores de história de ensino de primeiro e segundo grau afirmam utilizar a revista como complemento ao material

didático, para despertar o interesse em seus alunos; vários leitores de Aventuras na História referem-se a outras publicações, como “História Viva”, como “chata” e “um pé no saco” (palavras de um suposto professor de história), e alguns sugerem que deveria haver um meio termo entre as duas publicações; vários pedem mais capas com personagens brasileiros; há divergências sobre o excesso de desenhos nas matérias e colunas; a capa favorita da maioria é a da edição de maio (Hitler). A equipe que faz a revista participa da comunidade, respondendo a dúvidas, críticas e sugestões. No Orkut há também uma comunidade da revista História Viva, com 115 membros, e outra da Nossa História, com 382 membros.

Ao lado de suas principais concorrentes, a História Viva, da Duetto Editorial e a Nossa História, da Biblioteca Nacional, ambas de qualidade reconhecida e consideradas mais “sérias”, a Aventuras na História se destaca, principalmente por seu visual e sua linguagem extremamente informal. A maioria das pessoas que compram a revista sabe exatamente o que estão levando. Sem grandes pretensões e de qualidade gráfica inegável, a revista cumpre exatamente o que promete: entretenimento e diversão.

DADOS GERAIS SOBRE AS REVISTAS*

	Superinteressante	Aventuras na Historia
Perfil do leitor		
Idade:	30% entre 10 e 19 anos	23% entre 10 e 19 anos
	20% entre 20 e 24 anos	13% entre 20 e 24 anos
	32% entre 25 e 39 anos	32% entre 25 e 39 anos
Sexo:	57% homens	42% homens
	43% mulheres	58% mulheres
Classe Social	A: 30%	A: 18%
	B: 50%	B: 50%
	C: 17%	C: 21%
Circulação:		
Tiragem	462.460 exemplares	87.110 exemplares
Assinatura	254.160	35.870
Banca	98.210	18.720
Exterior	24	-
Por região:		
Sudeste	47%	47%
Sul	22%	19%
Nordeste	18%	20%
Centro-Oeste	08%	08%
Norte	05%	06%

Fonte: www.publiabril.com.br

ECLÉTICA - 2005

Publicação eventual do Departamento de História/FFLCH/USP.

A HISTÓRIA EM BANCAS DE JORNAL

Créditos:

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Adolpho José Melfi

Vice-Reitor: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sedi Hirano

Vice-Diretor: Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Departamento de História

Chefe: Prof. Dr. Modesto Florenzano

Suplente: Profa. Dra. Maria Lígia Prado

Responsável: Profa Dra. Raquel Glezer

Monitora PAE – Estágio de Preparação Pedagógica: Silene Ferreira Claro

Trabalho de curso da disciplina Teoria da História I – 0401 - Noturno - 1º. Sem. 2005.